

JOGOS METAFICCIONAIS: UM ESTUDO DA NARRATIVA DE CAROLA SAAVEDRA

Josye Gonçalves Ferreira (UFU)¹

Resumo: Uma das características mais marcantes da ficção de Carola Saavedra é o uso de uma estratégia narrativa que rompe com a romanesca tradicional e desconstrói os modelos narrativos pré-estabelecidos. A fragmentação estrutural e a descontinuidade suspendem a narrativa, obrigando o leitor a construir o sentido do texto por si mesmo, transformando-o em co-autor. Estudar o processo de elaboração ficcional de Carola Saavedra implica, portanto, também refletir sobre o “fazer literário” na contemporaneidade, ou, parafraseando a própria autora, implica pensar sobre a função do narrador, os papéis do autor e do leitor e as formas escolhidas pelo escritor para contar uma história na narrativa contemporânea.


Palavras-chave: literatura contemporânea; narrativa; Carola Saavedra

Carola Saavedra² vem despontando como uma das principais representantes da literatura brasileira contemporânea. Sua obra *Flores Azuis* (2008) foi eleita como melhor romance pela Associação Paulista dos críticos de Arte. Com o romance *Paisagem com Dromedário* (2010), ganhou o prêmio Rachel de Queiroz na categoria jovem escritor. Esses romances ainda foram finalistas do Prêmio São Paulo de Literatura e do Jabuti. Em 2012, entrou para a lista dos vinte melhores jovens escritores brasileiros escolhidos pela revista britânica *Granta*, uma das principais revistas literárias do mundo. Resenhas elogiosas de seus livros e entrevistas aparecem frequentemente nos cadernos de cultura de jornais e revistas de grande circulação, como *Folha de São Paulo*, *Estado de Minas*, *O Globo*, entre outros. Na orelha do primeiro romance de Saavedra, *Toda Terça* (2007), Sérgio Sant’Anna a define como a “mais nova protagonista e a maior surpresa da nossa literatura atual”. Seus livros estão sendo traduzidos para o inglês, francês, espanhol e alemão.

Embora tenha ganhado destaque no cenário literário contemporâneo, a ficção de Carola Saavedra ainda é pouco estudada no âmbito acadêmico. Mesmo encontrando muitas resenhas de seus romances em revistas e jornais eletrônicos, são raros os artigos científicos voltados para a análise de obras dessa autora. Entretanto, Saavedra vem se

¹ Doutoranda em Estudos Literários (UFU), Professora de Língua Espanhola e Bolsista PBQS (IFNMG). Contato: josyeg@yahoo.com.br.

² Nascida no Chile, em 1973, Carola Saavedra mudou-se para o Brasil junto com a família aos três anos de idade. Já morou na Espanha, França e Alemanha, mas vive atualmente no Rio De Janeiro. Publicou o livro de contos *Do lado de fora* (2005), os romances *Toda Terça* (2007), *Flores azuis* (2008), *Paisagem com Dromedário* (2010) e o mais recente *O inventário das coisas ausentes* (2014).



firmando como uma das principais vozes da literatura atual, tanto por sua prosa instigante quanto pela experimentação formal, mas também pela abordagem de temáticas que representam as angústias do sujeito contemporâneo, como a questão da identidade. Nesse sentido, interessa-nos estudar sua obra à luz da teoria da literatura, buscando investigar como se dá o processo narrativo na ficção saavedriana e apontar as principais estratégias utilizadas pela autora.


Uma das características mais marcantes da ficção de Carola Saavedra é o uso de uma estratégia narrativa que rompe com a romanesca tradicional e desconstrói os modelos narrativos pré-estabelecidos. A fragmentação estrutural e a descontinuidade suspendem a narrativa, obrigando o leitor a construir o sentido do texto por si mesmo, transformando-o em co-autor. O modo de narrar fragmentário faz parte de um “projeto literário” defendido pela autora, conforme podemos observar em entrevista concedida ao *Estadão Cultural*:

Gosto muito dessa ideia de literatura como “modelo para armar”. Algo que não vem pronto e que o leitor tem que construir, como um enigma a resolver. Não um enigma no sentido da história que estou contando, mas no que diz respeito à própria estrutura narrativa. Como um quebra-cabeças do qual estão faltando algumas peças. É um formato que tem a ver com meu projeto literário, que é de certa forma um projeto investigativo. Como se a cada livro eu tentasse, além de contar uma história, encontrar as perguntas certas.³

Nota-se, portanto, que os textos de Carola Saavedra exigem um trabalho de reconstrução da história por parte do leitor. É uma espécie de “leitura-colagem”, na qual o leitor tem de construir o sentido do texto por meio da montagem de um quebra-cabeças, cujas peças faltantes devem ser preenchidas por esse leitor-autor. Nesse sentido, o processo da construção ficcional torna-se mais importante que o resultado final. Há, nos romances de Saavedra, mais do que histórias sendo contadas, há também uma investigação do próprio “fazer literário”, primando pelo desenvolvimento do processo narrativo. A própria autora concorda com essa ideia ao afirmar: “tenho uma preocupação com a forma escolhida, pois estou interessada em pensar o papel do escritor, do leitor, da função do narrador, as várias formas de contar uma história”.⁴ Dessa maneira, as formas

³ Disponível em :<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,em-novo-livro-carola-saavedra-busca-temas-diferentes-e-mais-maduros-imp-,1156566>. Acesso em 14/05/2016.

⁴ Entrevista concedida ao jornal *Gazeta do povo*, disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/uma-proposta-de-enigma-486qowlN5knohjyntpliacem>. Acesso em 14/05/2016.




de narrar escolhidas por Saavedra representam não só o mundo conflituoso de suas personagens, mas também, e principalmente, uma reflexão sobre o exercício da própria literatura, isto é, sobre como a própria ficção é construída.

Outra característica recorrente no projeto literário de Carola Saavedra é o fato de que a maioria de seus protagonistas tenta compreender a realidade por meio da narração. Em *Toda terça* (2007), uma das protagonistas do romance é apresentada ao leitor por meio de sessões de terapia. É no divã do analista que conhecemos a relação de Laura com um homem casado e também com um estranho que ela conheceu no cinema. Nas sessões de terapia, ocorridas sempre às terças, Laura fala de sua vida tediosa e de sua carência afetiva. Em *Flores azuis* (2008), é por meio de cartas que a narradora A. consegue reviver a relação amorosa depois de uma dolorida separação. O mesmo ocorre em *Paisagem com Dromedário* (2010) quando Érika decide narrar suas memórias para um gravador em forma de cartas para o ex-amante Alex. Por meio das gravações, Érika revisita o passado numa tentativa de superar o trauma vivido e reconstruir a identidade perdida com a morte de Karen. Na concepção de Luiza Puntar Muniz Barreto, “Érika, mais do que reproduzir lembranças, narra memórias afetivas que se constroem no momento mesmo da narração” (BARRETO, 2010, p. 136). Já em *O inventário das coisas ausentes* (2014), temos um narrador que deseja ser escritor e, por meio da elaboração de um romance, busca encontrar a própria identidade.

Diante disso, somos levados a conceber que as personagens de Carola Saavedra compreendem o mundo e buscam encontrar a si mesmas por meio do relato ficcional, seja na terapia, na escrita de cartas, nas gravações ou na escrita de um romance. A própria autora afirma, em entrevista ao portal G1⁵, que seus protagonistas são “personagens que acreditam na força das palavras, que tentam construir um significado para suas vidas a partir delas”. Dessa forma, a escritora chileno-brasileira acaba relativizando o conceito de autoria, pois, na medida em que suas personagens contam histórias, também recebem o status de autor. Assim, utilizando a ideia de Luiza P. M. Barreto (2015), a ficção funciona para as personagens saavedrianas como uma “rota de fuga”, sobretudo no caso da protagonista de *Paisagem com dromedário* (2010) e do narrador de *O inventário das coisas ausentes* (2014).

⁵ Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/carola-saavedra-toda-memoria-e-um-processo-ficcional.html>. Acesso em 16/05/2016.




Os dois últimos romances de Carola Saavedra trazem, em sua essência, a inquietude acerca do fazer literário e do processo de criação artística. Tanto em *Paisagem com dromedário* (2010) como em *O inventário das coisas ausentes* (2014), o desenvolvimento pessoal das personagens ocorre junto ao processo de elaboração ficcional. Ao mesmo tempo, a elaboração do relato narrativo parece corresponder ao desenvolvimento da própria obra de arte. Ou seja, são narrativas que, além de contar histórias, também problematizam o que é “fazer ficção”.

O romance de 2010 é uma narrativa memorialística na qual a protagonista Érika relata para um gravador as desventuras de um triângulo amoroso composto por ela, Alex (ambos artistas plásticos) e a amiga Karen. A narrativa acontece após a morte de Karen, quando Érika decide se auto-exilar em uma ilha a fim de ressignificar os acontecimentos passados. Nas gravações, a protagonista elabora cartas endereçadas a Alex nas quais reproduz suas memórias afetivas. Por meio desse processo narrativo, Érika resgata a presença da amiga falecida e o próprio relacionamento controverso.

O livro, mantendo coerência com o projeto literário de Saavedra, possui uma estrutura fragmentada na qual as memórias de Érika se misturam à narração da sua vida na ilha. Composta por vinte e duas gravações, a narrativa vai sendo interrompida pelos sons dos ambientes da ilha e pelos silêncios da própria narradora. Em itálico, aparecem as descrições das cenas e dos cenários, dando ao romance um tom teatral. Ao mesmo tempo em que rememora o passado, a protagonista empreende um novo projeto artístico, pois pretende criar uma instalação com os sons registrados por ela. Assim, *Paisagem com dromedário* apresenta-se como um romance híbrido que transita entre a linguagem oral e escrita, além de passear por outras artes como o teatro e as artes plásticas, o que demonstra o desejo de experimentação formal da autora.

Enquanto narra suas memórias, Érika reflete sobre o processo de criação artística ao mesmo tempo em que constrói sua própria obra de arte, como confirma o seguinte trecho:

Realmente, quando comecei as gravações para você, imaginei que poderia usá-las para uma instalação, um trabalho, e tudo o que eu te dizia estava permeado pela ideia de expô-lo, de transformar esta história numa obra de arte. Imaginava que as pessoas poderiam ouvi-la numa cabine fechada, um lugar hermeticamente fechado para o resto do mundo. Foram esses os pensamentos que me ocorreram quando comecei as gravações. (SAAVEDRA, 2010, p. 133-4).



Percebe-se que esse romance mantém uma ligação bem mais estreita com as artes plásticas do que os outros. Sobre a aproximação da sua literatura com as artes plásticas, a autora diz que *Paisagem com dromedário* “dialoga de forma bem mais direta, já que é um livro, mas, também, uma instalação, que poderia inclusive, ser reproduzida numa exposição, numa galeria”⁶. Considerando que uma instalação é uma manifestação artística que só existe no momento da exposição, *Paisagem com dromedário* pode ser lida como uma instalação artística que se realiza no momento da leitura. Assim, temos uma narrativa que reflete sobre a construção de uma obra de arte, mas que, no extremo do exercício metalinguístico, também é a própria obra de arte.


Já *O inventário das coisas ausentes*, por sua vez, apresenta-se como o romance mais radical de Carola Saavedra. Com uma estrutura ainda mais fragmentada, o livro conta em primeiro plano a história de Nina, uma jovem chilena que o narrador conhece na faculdade. Após um breve relacionamento entre eles, Nina desaparece misteriosamente depois de deixar seus dezessete diários íntimos para ele. A partir desses diários, o narrador se propõe a escrever um romance. A obra está dividida em duas partes: “Caderno de anotações” e “Ficção”. Na primeira parte o narrador relata em fragmentos sua relação com Nina e tenta reconstruir a história dos antepassados da moça, sempre intercalando com histórias paralelas de pessoas desconhecidas. É nesse “caderno de anotações” que o narrador começa a delinear os rumos do seu romance, como podemos observar no seguinte trecho: “Ainda não sei nada sobre a história. Apenas algumas ideias desconexas, um homem velho, uma casa, diários. Um filho.” (SAAVEDRA, 2014, p.12).

Por meio da narrativa, o escritor iniciante tenta reconstituir e compreender a figura da antiga namorada. Ao transformá-la em personagem de seu livro, o narrador encontra a “possibilidade de tornar Nina corpórea” (CARDOSO, 2015)⁷. Enquanto tenta traçar os contornos de Nina, o narrador-autor lança questões sobre o processo de feitura do livro, revelando uma reflexão sobre o próprio fazer ficcional, como revela a seguinte passagem:

Fecho o arquivo, vou até a cozinha fazer um café. Há uma história, mas ao tentar contá-la sempre acabo contando outra, outro enredo, outro personagem. Tento me lembrar das coisas como realmente foram. O

⁶ Entrevista concedida ao jornal *Gazeta do povo*. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/uma-proposta-de-enigma-486qowlN5knohjyntlplacem>. Acesso em 20/05/2016.

⁷ Sem página. Disponível em <http://litcult.net/cadernos-para-jogar-a-encenacao-lutuosa-na-escritura-de-carola-saavedra-2/>. Acesso em 17/05/2016.




céu, a paisagem, era inverno e a neve cobria a copa das árvores formando estranhas esculturas, ou, o casal conversava animadamente na entrada do restaurante, ou, ela não se lembrava da última vez que estivera naquela parte da cidade. Há sempre algo que me escapa. (SAAVEDRA, 2014, p. 25).

O trecho citado demonstra as dificuldades encontradas pelo narrador-autor ao fazer ficção, pois, ao “tentar contar uma história”, alguma coisa sempre lhe escapa. Isso demonstra que o narrador, enquanto escritor, tem consciência do próprio processo de criação textual, compartilhando com o leitor o processo “do fazer”. O “Caderno de anotações” representa, então, as ideias, projetos e divagações que o escritor aponta durante o processo de ficcionalização. Trata-se de um romance no qual o narrador também é personagem e autor da história, ao mesmo tempo em que reflete sobre o processo de construção da narrativa. Nesse sentido, Carola Saavedra constrói um romance metaficcional na medida em que temos, utilizando a concepção de Linda Hutcheon (1984), uma “ficção sobre ficção”⁸. Esse romance, então, pode ser considerado uma narrativa narcisista, pois se debruça sobre si mesma e lança questionamentos que evidenciam o processo de representação e construção narrativa. A própria autora apontou, em entrevista à revista virtual TPM, que *O inventário das coisas ausentes* é “uma espécie de romance conceitual, que nos convida a pensar sobre a origem dessas histórias e do próprio romance que o leitor tem em mãos” (SAAVEDRA, 2014)⁹. Dessa maneira, o romance também se volta para o leitor, colocando-o como responsável pelo texto que está lendo.

A segunda parte do livro, chamada “Ficção”, põe em destaque a conflituosa relação do autor-narrador com seu pai. É uma história do reencontro de um pai e de um filho depois de vinte e três anos. No entanto, essa parte, que deveria corresponder à ficção já elaborada pelo autor-narrador, também é fragmentada e funciona como um espelho da primeira. Vemos enredos e personagens que aparecem no caderno de anotações tomarem outras formas, passando a compor a história do pai do narrador. A parte denominada “Ficção”, portanto, nada mais é do que um desdobramento do “caderno de anotações”. Esse tipo de espelhamento narrativo utilizado por Carola Saavedra é conhecido como *mise en abyme* ou “perspectiva em abismo”, configurando-se como uma das principais

⁸ “fiction about fiction” (HUTCHEON, 1984, p. 01).

⁹ Disponível em <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/carola-saavedra> . Acesso em 18/05/2016.



técnicas da narrativa metaficcional.¹⁰ Nesse sentido, a ficção de Carola Saavedra propõe uma atividade auto-reflexiva na medida em que problematiza a linguagem literária enquanto criação artística. Seja por meio do romance-instalação proposto em *Paisagem com Dromedário* ou do romance metarreflexivo em *O inventário das coisas ausentes*, Saavedra apresenta uma literatura voltada para si mesma, que se autocritica e desnuda os próprios procedimentos da composição ficcional.

Ainda que não seja um procedimento novo, pois remete a clássicos como *Don Quijote* e *Hamlet*, a metaficção ou a “literatura que fala de si mesma” tornou-se, para alguns críticos, “uma das marcas da pós-modernidade em literatura” (FARIA, 2012, p. 238). Entretanto, a metaficção continua como uma constante na atualidade, como aponta Karl Erik Shøllhammer, na obra *Ficção brasileira contemporânea* (2009). Para ele, a “literatura sobre literatura continua sendo um caminho frequentado na produção brasileira contemporânea” (SHØLLHAMMER, 2009, p.143). Dessa forma, nota-se um alinhamento de Carola Saavedra com essa tendência, no sentido de que apresenta uma ficção que discute a sua própria construção. Diante dessas colocações, trabalhamos com a hipótese de que a autora utiliza jogos metaficcionais na sua elaboração ficcional e destaca o desenvolvimento do processo narrativo, utilizando a fragmentação estrutural para expor a confusão do sujeito contemporâneo.

Referências bibliográficas

ANTUNES, N. M. *Jogo de espelhos: Borges e a teoria da literatura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

BARRETO, M. L. P. A ficção como rota de fuga: transgressão da fronteira entre o real e o imaginário na arte e na narrativa de *Paisagem com dromedário* (2015). Disponível em <http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/858>.

CARDOSO, C. L. Cadernos para jogar: a encenação lutuosa na escritura de Carola Saavedra (2015). Disponível em Disponível em <http://litcult.net/cadernos-para-jogar-a-encenacao-lutuosa-na-escritura-de-carola-saavedra-2/>.

¹⁰ Sobre essa técnica, a crítica Nara Maia Antunes afirma que “um dos meios mais interessantes e mais comumente usados pela literatura para refletir sobre ela mesma é o emprego da “mise en abyme”, geralmente representada pela “história dentro da história”” (ANTUNES, 1982, p. 60).

FARIA, Z. A metaficção revisitada: uma introdução (2012). Disponível em <http://repositorio.bc.ufg.br/xmlui/bitstream/handle/ri/1200/18739-87527-1-PB.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 03/06/2016.

GARBERO, M. F. *O vértice silente: uma leitura dos triângulos afetivos nas narrativas de Carola Saavedra*. Disponível em <http://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/viewFile/1072/846>. Acesso em 03/06/2016.

_____. Ruídos de afeto: projeções de memória em Paisagem com Dromedário, de Carola Saavedra (2011). Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_3/213.pdf. Acesso em 03/06/2016.

HUTCHEON, L. *Narcissistic narrative: the metafictional paradox*. New York; London: Methuen, 1984.

_____. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

SAAVEDRA, C. *O inventário das coisas ausentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *Paisagem com dromedário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Flores azuis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Toda terça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHØLLHAMMER, K. E. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ENTREVISTAS DA AUTORA

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,em-novo-livro-carola-saavedra-busca-temas-diferentes-e-mais-maduros-imp-,1156566>. Acesso em 14/05/2016.

<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/uma-proposta-de-enigma-486qowln5knohjgyntpliacem>. Acesso em 14/05/2016.

<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/carola-saavedra-toda-memoria-e-um-processo-ficcional.html>. Acesso em 16/05/2016.

<http://litcult.net/cadernos-para-jogar-a-encenacao-lutuosa-na-escritura-de-carola-saavedra-2/>. Acesso em 17/05/2016.

<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/uma-proposta-de-enigma-486qowln5knohjgyntpliacem>. Acesso em 20/05/2016.

<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/carola-saavedra>. Acesso em 18/05/2016.